

Sicride: Um Retrato Das Ações Contra o Desaparecimento De Crianças No Paraná¹

Ana Luiza VERZOLA²
Cléber GONÇALVES³
Rosane Verdegay de BARROS⁴
Centro Universitário de Maringá, Maringá, PR

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo central discorrer sobre a criação e atuação do Serviço de Investigação de Crianças Desaparecidas do Paraná (Sicride), com a intenção de registrar os principais casos que marcaram a atividade, única no Brasil, desenvolvida em prol das famílias que tiveram de enfrentar – e ainda enfrentam – a situação do desaparecimento de crianças. O objetivo é conhecer, levantar e apresentar os profissionais por trás de todo o trabalho desse serviço criado em 1995. O resultado desta investigação é um livro-reportagem, que resgata também algumas histórias que exemplificam o trabalho ali realizado, expondo características inerentes ao órgão. Além de pesquisas desenvolvidas acerca do objeto de estudo, este é embasado por teorias do jornalismo ligadas ao formato do produto e, também, à área do jornalismo literário, que justifica a escolha do gênero para esta produção.

PALAVRAS-CHAVE: crianças desaparecidas; jornalismo literário; livro-reportagem; Sicride.

1 INTRODUÇÃO

A temática configura-se em abordar, por meio de um livro-reportagem, a atuação do Sicride (Serviço de Investigação de Crianças Desaparecidas) na investigação de casos de crianças desaparecidas no Paraná. O Sicride é um órgão da Delegacia de Polícia Civil do Paraná, com sede em Curitiba, capital do Estado, sendo a delegacia especializada em buscas pioneira no Brasil. De acordo com o site oficial⁵ da instituição na internet, o sistema foi criado em um período no qual se confirmavam casos de tráfico de crianças para outros países. Partindo do pressuposto de que o assunto tem relevância social, o estudo levanta a importância do Serviço de Investigação no acompanhamento de situações que envolvam o desaparecimento de menores, verificando a condução dos casos a partir de histórias que tiveram a intervenção do órgão – os solucionados e os que ainda estão sem solução.

¹Trabalho submetido ao XIV Prêmio Expocom 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-reportagem.

²Aluno líder do grupo e recém-graduado no Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, email: analuizaverzola@gmail.com

³Estudante do 4º ano do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, email: binho.clebergoncalves@gmail.com

⁴Orientador do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, email: rosane.barros@gmail.com

⁵www.sicride.pr.gov.br

No que tange ao objeto de estudo, informações do próprio Serviço de Investigação apontam que a criação do órgão foi implantada com o intuito de centralizar e otimizar as buscas por crianças desaparecidas no Paraná. Além de promover a apuração dos fatos, as atividades visam, também, prevenir a violência contra a criança, evitando consequentemente sequestros e desaparecimentos. O Sicride foi oficializado em 10 de julho de 1995 pela resolução nº 698 e regulamentado pela portaria nº 13116/95 do Departamento de Polícia Civil (DPC) no dia 10 de agosto de 1995. Desde sua implantação no Paraná o desempenho do serviço em relação aos casos registrados foi considerado positivo. Nesses 16 anos de existência do Sicride, houve o registro de 1.297 casos de desaparecimento de crianças, ou seja, 98% de situações elucidadas. Para delimitar a apuração em casos que envolvam exclusivamente crianças, o serviço utiliza a definição do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), documento que aponta que são consideradas crianças as que se enquadram na faixa etária de 0 a 12 anos incompletos.

Sabe-se que é preciso considerar a atuação e a abrangência do serviço no Paraná. No interior do Estado só funciona se, após registro do desaparecimento, a delegacia local acionar imediatamente o Sicride, que, conforme já mencionado, tem sede em Curitiba-PR, que envia profissionais até a região requerida para auxiliar no processo de investigação. Pelo fato de a sede do Sicride se localizar na capital, a distância das cidades do interior pode, por vezes, dificultar até mesmo o conhecimento da população a respeito das ações prestadas, ainda que haja investimento em atividades que levem as informações necessárias às famílias. Esse “ruído” foi um dos fatores que motivou o interesse de abordar o histórico do órgão em um trabalho acadêmico que permita maior aprofundamento no tema. Durante a pesquisa apurou-se, por exemplo, que uma das medidas adotadas para a disseminação do trabalho mantido pelo Sicride em todo o Estado foi o desenvolvimento de uma cartilha com personagens de histórias em quadrinhos, com a justificativa de dialogar diretamente com o público infantil, contendo dicas de segurança como medida preventiva de desaparecimentos.

Outro motivo que instigou a investigação foi pesquisar a maneira como se configuraram as buscas e de que forma a especialização de um trabalho pode facilitar na solução dos casos abordados. O trabalho também tem como base o contato dos profissionais do Sicride com as famílias das crianças, em especial as envolvidas em casos de sequestro ou subtração.

A abordagem no formato de livro-reportagem permite, segundo Belo (2006, p. 45), reunir mais informações contextualizadas sobre o assunto, garantindo possibilidades diversas para se experimentar, com base na técnica jornalística, aprofundamento de abordagem e construção da narrativa, abordagens essas ressaltadas pelo interesse dos pesquisadores em aprofundar-se nas temáticas sobre jornalismo investigativo e literário, que contribuem para a formulação do produto.

Como consequência, a intenção foi transmitir situações relacionadas ao tema por meio da escrita, com a profundidade que o formato livro-reportagem permite explorar.

2 OBJETIVO

Produção de um livro-reportagem sobre a história e o funcionamento do Sicride (Serviço de Investigação de Crianças Desaparecidas) de modo a mostrar os procedimentos para a resolução de casos de crianças desaparecidas no Paraná e a repercussão do trabalho do órgão na vida de algumas famílias, a partir de testemunhos.

3 JUSTIFICATIVA

A definição da temática deve-se ao fato da necessidade de elaborar conteúdo até então bastante escasso, sobre a atuação desse sistema que lida com casos de relevância social. De acordo com informações do Ministério da Justiça, no Brasil existem 46 grupos oficiais de buscas por pessoas desaparecidas, distribuídos nos 26 Estados. Porém, as delegacias, serviços e associações são, em sua maioria, voltados a variados grupos sem uma faixa etária especificada.

Pode-se encontrar, por exemplo, ainda de acordo com o site, grupos que contemplam a mulher, a criança e o adolescente; grupos que contemplam outros crimes a crianças e adolescentes além do sequestro, entre outras causas de desaparecimento. A única delegacia que tem serviço especializado em buscas de crianças – pessoas com idade entre 0 a 12 anos incompletos – é a do Paraná, por meio do Sicride. Por essa razão, a abordagem em formato de livro-reportagem buscou reunir, em um só produto, o registro da história de atuação do serviço e a contribuição jornalística sobre a atuação do órgão.

O que estimulou a pesquisa foi a necessidade de compreender, registrar e divulgar o serviço que é destaque no País e está à disposição da população. A mídia, de modo geral, por várias vezes, contribuiu para fomentar a discussão sobre a temática do desaparecimento de crianças, o que provocou a repercussão e a mobilização de pessoas em vários lugares. Um exemplo disso foi o grande destaque do caso da menina Rachel Genofre⁶. Outro caso que se popularizou foi do menino Guilherme Caramês Tiburtius⁷, possivelmente o caso que mais repercutiu na mídia no Paraná e que está há 20 anos sem solução. Torna-se válido compreender e divulgar não só tais casos, mas entender e levar ao conhecimento da população, de que forma o Sicride atua, como as famílias são influenciadas e, de que modo pode-se contar com o serviço.

⁶ Rachel Maria Lobo de Oliveira Genofre, tinha de 9 anos quando foi sequestrada na segunda feira, 3 de novembro de 2008. O corpo dela foi encontrado em uma mala na rodoviária de Curitiba no dia 5 de novembro do mesmo ano.

⁷ Guilherme desapareceu no dia 17 de junho de 1991 enquanto andava de bicicleta na quadra da própria casa, localizada no Jardim Social, em Curitiba. Nunca se teve pistas concretas referentes ao seu desaparecimento.

Ao se deparar com a temática, os pesquisadores sentiram-se motivados a aprimorar os conhecimentos jornalísticos desenvolvidos ao longo do curso de Comunicação Social, especificamente no que tange à prática da escrita – gênero jornalístico-literário – área na qual pretendem se especializar e atuar, valorizando o aspecto informativo. Técnicas como apuração de informações, teorias atreladas ao jornalismo impresso e ao *new journalism*, foram requeridas no desenvolvimento do trabalho. Sobre esta última, Talese discorre:

“O novo Jornalismo, embora possa ser lido como ficção, não é ficção. É, ou deveria ser, tão verídico, como a mais exata das reportagens, buscando embora uma verdade mais ampla que a possível através da mera compilação de fatos comprováveis, o uso de citações, a adesão ao rígido estilo mais antigo. O novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem e consente que o escritor se intrometa na narrativa se o desejar, conforme acontece com frequência, ou que assuma o papel de observador imparcial, como fazem outros, eu inclusive.” (TALESE, 1972, p. 9)

A contribuição jornalística se deu com a construção do livro-reportagem, de modo que a compilação da trajetória do serviço chegue ao grande público. O objetivo é ir além das matérias divulgadas na imprensa em geral sobre o funcionamento do órgão e compreender como se deu o processo de produção do trabalho, com a ação de inúmeros profissionais em busca da solução dos casos investigados e o envolvimento das famílias que lidam/lidaram com o desaparecimento de crianças.

Outro aspecto que motivou a construção do trabalho foi a possibilidade de a academia contar com um trabalho que tem por preocupação o serviço válido à sociedade, podendo contribuir para a melhoria de vida e, também, para a resolução de problemas sociais, ao mesmo tempo em que pode, por meio da informação, contribuir no processo em que várias famílias se encontram. Além disso, o trabalho também reuniu técnicas jornalísticas aplicadas e exploradas durante o curso, podendo se transformar em futura fonte de consulta para a parcela da comunidade acadêmica que se interessa e forma-se na área.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para que o livro de não ficção fosse desenvolvido, além da consulta de bibliografias relacionadas ao tema, foram necessários os contatos pessoais e com agentes do Sicride, fontes oficiais sobre a questão da infância e da adolescência e, propriamente, sobre o desaparecimento dos personagens e as causas. Para tanto, os pesquisadores realizaram em Curitiba entrevistas em profundidade com os cinco delegados que já atuaram na direção do Sicride, desde o surgimento do órgão. As entrevistas foram realizadas, também, com a responsável pelo Cridespar (Movimento

Nacional em Defesa da Criança Desaparecida do Estado do Paraná), Arlete Caramês, cujo caso de desaparecimento do filho repercutiu na mídia nacional e impulsionou, junto a outros casos, a criação do Sicride. Foi necessário pesquisar sobre e, na medida do possível, entrevistar familiares ligados aos 12 casos de desaparecimento de crianças que contribuíram para que o serviço especializado fosse implantado no Paraná. Estas famílias encontram-se espalhadas por todo o Estado.

O trabalho teve início no levantamento bibliográfico sobre o formato do produto, com base nos livros que referenciam a teoria aplicada ao desenvolvimento de um livro-reportagem, sendo os autores indicados e consultados: Eduardo Belo (2006) e Edvaldo Pereira Lima (1995). Tratando-se de uma abordagem literária, utilizou-se também como base o autor Felipe Pena (2006), que conceitua:

“Afinal, o que é jornalismo literário? Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira.” (PENA, 2006, p.13)

Para o referido autor, portanto, o jornalismo literário permite uma grandiosidade em resultados que somente com o jornalismo convencionalmente feito nas redações não seria possível alcançar. Desse modo, o autor deixa claro que a forma literária como configuração do material informativo leva o leitor a apreender mais aspectos e detalhes referentes aos fatos.

Além da pesquisa bibliográfica, houve também uma pesquisa de campo, onde se colocou em prática a técnica de entrevista jornalística. O recorte do produto se deu na apuração do histórico do Sicride (Serviço de Investigação de Crianças Desaparecidas) com base em entrevistas com os delegados que passaram pelo órgão bem como a atual delegada, além de duas famílias que foi possível o contato. A intenção de contatar algumas famílias vem com o objetivo de aproximar a narrativa do livro-reportagem à realidade dos casos de desaparecimento de crianças, traduzindo o norteamento que as investigações possibilitaram para os envolvidos, bem como o que a situação causou também na vivência familiar.

Como o foco da pesquisa era na atuação do Sicride e alguns casos trabalhados nessa trajetória, lembrados pelos próprios delegados, acompanhados também de pesquisas documentais em publicações da época, os autores optaram por não acessar inquéritos policiais. A intenção era mostrar a forma de atuação diante das situações, e não o aprofundamento em cada caso: por isso a

retomada das 12 histórias serviu como introdução ao real propósito do livro. Foram estes acontecimentos que impulsionaram a criação do serviço, e o serviço é que foi o objeto explorado.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Os primeiros passos incidiram no levantamento de dados sobre o objeto de estudo em arquivos de jornais, uma vez que nenhum material de estudo acadêmico sobre o objeto de pesquisa foi encontrado. Para isso, em 17 de março de 2012, o primeiro contato com periódicos que publicaram materiais referentes ao Sicride foram apurados em Curitiba – vários jornais do Estado continham informações importantes, como a Gazeta do Povo, Folha de Londrina, entre outros.

Descobriu-se nesses arquivos o principal motivo da criação do órgão centralizador. Algumas reportagens jornalísticas apontavam para a reunião dos pais das crianças desaparecidas até o ano de 1995, que marcou a criação do serviço. Sabendo do envolvimento de 12 famílias, a proposta foi resgatar informações que contextualizassem cada desaparecimento. Partiu-se então para mais pesquisas documentais, uma vez que não era possível contatar todos os familiares dessas crianças devido ao tempo de realização do trabalho, a distância entre as cidades e o financiamento das viagens necessárias.

Novamente, os arquivos de jornal foram importantes para dar um norte aos acontecimentos. Nessa etapa, percebeu-se uma deficiência acerca da divulgação de desaparecidos, que tinham espaço ínfimo nas páginas de alguns jornais, em especial do interior do Paraná, como O Diário do Norte do Paraná, Folha de Londrina e Tribuna do Interior, de Maringá, Londrina e Campo Mourão. O caso do garoto maringaense José Carlos repercutiu bastante no O Jornal, com sete publicações a respeito do desaparecimento do garoto. O que intrigou desde o início foi que no mesmo período desapareceu também o menino Ednilton Palma, de 10 anos, e este teve o espaço de apenas uma coluna no mesmo jornal.

As famílias que os autores tiveram contato, de Guilherme Caramês e Ednilton Palma, demonstraram depositar grandes expectativas na imprensa, uma vez que o trabalho da polícia foi mal avaliado pelas mães, que acreditavam merecer mais atenção. Após a data do desaparecimento ficar cada vez mais distante, muitas histórias caíram no esquecimento. O que aconteceu com as crianças? Hoje cada uma delas tem mais de 20 anos e os pais continuam sem uma resposta.

Alguns detalhes desses 12 casos anteriores à criação do Sicride, bem como os outros que surgiram após essa data, foram resgatados também por meio de materiais jornalísticos confrontados com depoimentos colhidos dos próprios delegados que atuaram no serviço de investigação durante essa trajetória. Esse percurso contribuiu para que os autores tivessem maior compreensão do trabalho que se propuseram a desenvolver. Depois de reunir boa parte da pesquisa documental, veio a parte de pesquisa de campo – optou-se por entrevistar somente os delegados por questões temporais, de logística e concentração de autoridade a frente dos casos.

6 CONSIDERAÇÕES

Algumas perguntas nortearam nossa proposta: por qual motivo o Sicride foi criado? Por que crianças desaparecem? A oficialização de um órgão centralizador resolveu os problemas dos desaparecimentos? Contatou-se a diminuição nos casos, graças às medidas educativas e preventivas adotadas. O que provaria essa defesa seria levantar, junto aos delegados que trabalharam no serviço, os casos que mais marcaram cada gestão. A resolução das histórias abordadas surpreende sem deixar de lado as situações críticas, onde até mesmo a polícia, na qual cidadãos comuns depositam toda a confiança da resolução, permanecem de mãos atadas.

A unidade, como comprovada por inúmeras menções honrosas, agradecimentos e pesquisas desenvolvidas em seu interior, foi fundamental para a redução de casos de desaparecimentos no Estado. É um exemplo que foi possível conferir de perto de organização e estrutura, se comparado com tentativas de pesquisas em outras localidades do País. As estatísticas do próprio Brasil são defasadas, não há um controle certo dos desaparecimentos. Falta comunicação entre as unidades policiais de cada Estado, uma realidade mencionada pelos próprios profissionais da área entrevistados. Por qual motivo o Sicride, sendo modelo nacional, não tem uma funcionalidade homogênea? Será preciso contabilizar o desaparecimento de quantos Guilhermes, quantos Leandros e quantas Letícias para que providências sejam tomadas?

Os autores retomaram diversos casos, ainda que com escassez de informação a respeito, para humanizar o trajeto institucional do Serviço de Investigação. Desde a definição do tema soube-se que, apesar do ineditismo do trabalho, não seria possível em cinco meses investigar a fundo e desenvolver um trabalho de exercício literário com maestria. As dificuldades começaram por abranger um tema distante 426 km da realidade dos autores. Apesar da distância, todas as fontes foram solícitas quando contatadas e conseguimos entrevistá-las com facilidade.

Constatou-se com a pesquisa a falta de atenção de vários veículos de comunicação impressos, pelo pouco espaço cedido à notificação de desaparecimentos, em especial do interior do Paraná. Compreendeu-se também com o estudo o auxílio que a imprensa, se aliada aos serviços policiais, podem mutuamente se complementar. É a contribuição do jornalismo para com a comunidade, a serviço das situações vulneráveis envolvendo os próprios cidadãos – estudo acerca do jornalismo cidadão, também utilizando no embasamento do trabalho.

Essa produção abre margem para a continuação e aprofundamento da pesquisa para que haja complementação do livro-reportagem. O formato definido para a produção ampliou o conhecimento dos estudantes acerca da abordagem dada na construção de um livro de não ficção, informações até então compreendidas de maneira extremamente superficial durante a graduação. Dada à novidade da prática, a dedicação despendida foi intensa. Esquecer um pouco a objetividade pregada desde o primeiro ano do curso foi um desafio à parte, mesmo aos que já tinham empatia com a linguagem literária.

Tratar de assuntos delicados reservou também aos aspirantes a escritores o desafio de tentar transmitir na história a veracidade do momento, tendo sempre em mente o sentimento de cada família frente àquela situação e, posterior, o que vão sentir se por ventura lerem o capítulo que abrange um fragmento da própria vida. Eis mais um aprendizado do próprio jornalismo: lidar com vidas não é ter domínio de gramática e noções jornalísticas para por a história no papel. A sensibilidade na hora de entrevistar, ouvir, atentar-se ao silêncio, aos suspiros e aos significados que cada pausa transmite vai além do que dominar a técnica. Reaprendemos o ofício que os autores terão a vida inteira para praticar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELO, E. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

FERNANDES, M. **Civic journalism**: haverá um modelo brasileiro?. Guarapuava: Unicentro, 2008.

MARCHI, J. S. W. **Histórias de crianças desaparecidas**. Editora UFPR, Curitiba, 2008.

KOTSCHO, R. **A prática da reportagem**. 3. ed. São Paulo: Atica, 1995.

LIMA, E. P. 2004. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura. Barueri, SP: Manole.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

SICRIDE. **Serviço de Investigação de Crianças Desaparecidas**. Disponível em: <<http://www.sicride.pr.gov.br/>>. Acesso em: 18 de mai. de 2012.

TALESE, G. **Aos olhos da Multidão**. Rio de Janeiro: Expansão e Cultura, 1973.

WOLFE, T. 2005. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras.